

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO¹

Giulia Fagionato Peira Ruffino,

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Lucas Olacir Alves,

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Sumaia Barbosa Franco Marra,

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um relato de experiência nas aulas de Educação Física remotas de uma escola de aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, onde foi utilizada como ferramenta metodológica a contação de história. Acreditamos que essa metodologia auxiliou-nos a atingirmos os objetivos da disciplina, assim como contribuiu para firmar os estudantes como produtores de cultura e agente sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de história; Educação Física; Ensino Remoto.

NAVEGANDO EM ÁGUAS MISTERIOSAS

Tendo em vista a pandemia da COVID-19 no Brasil, em meados de março de 2020, e a decorrente política de distanciamento social, as instituições educacionais foram inevitavelmente afetadas: as aulas inicialmente foram suspensas e, após tempos de insegurança sanitária e muito debate político-pedagógico, decidiu-se implementar, com maior ou menor resistência, algum tipo de ensino remoto nos diferentes níveis de ensino. Na contramão da maioria, alguns estados tentaram retomar as aulas presenciais, mas se viram obrigados a recuarem devido à contaminação de membros da comunidade escolar. A única certeza era/é a incerteza: as aulas presenciais voltariam/ão? Em 2020, isso não aconteceu. Assim, todos foram/estão sendo obrigados a se adaptarem/remodelarem como pessoas, escolas, professores, alunos e familiares.

Na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU) as aulas ficaram suspensas por cerca de quatro meses (nesse período foram disponibilizadas

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

atividades pedagógicas de cunho não obrigatório). Em seguida, implementou-se o Ensino Remoto Emergencial (ERE), de caráter excepcional e obrigatório a todos os estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, que foi dividido em dois momentos. O primeiro, com a oferta apenas de atividades assíncronas disponibilizadas por meio de Roteiros de Estudo digitais e/ou impressos (esse período durou aproximadamente três meses). No segundo momento passou-se a oferecer, além das atividades assíncronas, também as aulas síncronas (desde o último trimestre de 2020 até o presente momento). Foi neste último momento que a área de Educação Física da escola recebeu os acadêmicos bolsistas do Programa de Residência Pedagógica (RP) oferecido pelo Ministério da Educação.

O Programa RP é uma Política Nacional de Formação de Professores que tem como principal objetivo incentivar a imersão prática do acadêmico da graduação no processo de planejamento e regência na educação básica com o auxílio de um professor responsável pela disciplina na escola, identificado como preceptor. Foi a partir desta parceria entre residente e preceptor que tornou-se possível aqui, caro leitor, socializar um Relato de Experiência cujo objetivo é compartilhar experiências pedagógicas em Educação Física no sistema de aulas remotas, em especial sobre a Contação de História como ferramenta didática para estimular o movimento de forma criativa e lúdica no ensino fundamental. Sabe-se que o trabalho remoto é desafiador para todos os envolvidos e por isso torna-se fundamental partilhar contingências e possibilidades que favoreçam e fortaleçam as trilhas de salas de aula, mesmo que virtuais.

Na condição de isolamento social, as casas tornaram-se espaço de trabalho, de estudos, de brincar e por que não, se exercitar!? O eixo temático criteriosamente escolhido, por motivos óbvios e necessários, foi “Qualidade de Vida” e o sub-tema “Sedentarismo na Pandemia”. O objetivo geral foi “adotar um estilo de vida saudável e fisicamente ativo na pandemia”. De maneira mais específica, pretendíamos sensibilizar estudantes e famílias sobre a importância da atividade física para elevar a qualidade de vida e sensibilizá-los para a necessidade de se manterem ativos, mesmo em casa. A fim de atingirmos esses objetivos, utilizamos diversas estratégias como: Projeto Tiktok; Desafio dos 200 pontos; Ginástica Funcional em casa; Dançar junto à professora, residentes e/ou colegas; e, por fim, a Contação de história que aqui será nosso foco.

O GAME DO PIRATA

Nomeada de “Game do Pirata”, nossa contação de história teve como integrantes cerca de 150 (cento e cinquenta) marujos dos 4^{os} e 5^{os} anos da Eseba/UFU, e os capitães/narradores da história (residentes e professora preceptora). De acordo com Busatto (2005), a expressão contação de história refere-se a “uma performance que revela um ato coletivo e interativo, em que emissor e receptor entram em consonância no momento presente, envolvidos por sons e silêncios, movimentos e quietudes, num pulsar de afetos que transcendem o espaço físico onde ocorre a ação”. Então pode-se dizer que o ato de se narrar uma história é um ato social e coletivo que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva entre aluno e professor.

Nesse mesmo sentido Gomes e Moraes (2013, p.18) dizem que:

[...] essas vivências são imprescindíveis para que se valorize a constituição de redes afetivas, cognitivas e linguísticas. O aluno deve ser visto pelo professor como agente social e produtor de cultura. Desse modo as práticas sociais de letramento vinculadas à tradição oral contribuirão sobremaneira para a ampliação de códigos e universos linguísticos do aluno. Além disso, ao pensarmos na participação do aluno como um ouvinte ativo que cria, transforma e produz as histórias por ele executadas e lidas, verificamos o quanto a escola pode viabilizar esse espaço-tempo de aprendizagem e vivência.

Assim, entendemos que o ato de imaginar e o de se movimentar podem se relacionar, e o mediadores estimulam o ato de pensar, agir, imaginar, fruir, vivenciar e produzir cultura, pois “[...] do piscar dos olhos ao balançar os pés – dos pensamentos, dos desejos e das angústias, o homem reage às motivações do mundo de forma que todo o seu corpo age com consciência desses elementos motivadores.” (FREITAS, 1999).

A contação de história é, então, uma estratégia que pode propiciar momentos de atividade física (o se movimentar), a integração com os colegas e professores, o diálogo entre ideias, assim como a própria imaginação do estudante, permitindo que ele relacione diversos campos do conhecimento, inclusive relacionados à necessidade e ao prazer de cuidar de si e do outro.

PREPARATIVOS E A JORNADA

Para iniciarmos nossa jornada rumo à África, em busca de tesouros, nós Capitães do navio pirata, selecionamos os melhores marujos do Brasil (os estudantes dos 4^o e 5^o anos), para embarcarmos em nossa aventura. Iniciamos nossas aulas criando um contexto/espaço



que desse liberdade à imaginação por meio da caracterização (uso de adereços de pirata, vestimentas e maquiagem) e que estivesse preparado para o enfrentamento aos perigos do mar. Foram necessárias bolas de canhão (5 a 10 bolinhas de papel), uma espada (cabo de vassoura), remos e pás (cabo de vassoura), caixa de sapato (baú de tesouro) e muita água para bebermos e nos hidratarmos (garrafinha de água).

Estando todos prontos e para testarmos a atenção e agilidade de nossos marujos, utilizamos a brincadeira de origem africana “Terra-Mar”, adaptando-a à nossa história. Na ocasião, os marujos deveriam mergulhar no mar na presença de inimigos na terra, ou saltar para terra mediante os perigos do mar. Após este “teste” de atenção, os marujos foram divididos em grupos de trabalho para garantirem uma viagem em segurança, harmonia e êxito. Cada grupo de estudantes, recebeu uma função diferente:

- **Grupo dos Canhões:** foram os responsáveis pela segurança do navio, devendo arremessar as bolas de canhões contra os navios inimigos, os tubarões e o *kraken* que surgiam durante a navegação.
- **Grupo dos Remos:** responsáveis pelo deslocamento do navio na ausência de ventos para o bom funcionamento das velas; tiveram que remar de forma coordenada e ritmada conforme os comandos do capitão.
- **Grupo das Velas:** conforme a contagem do capitão, os estudantes tiveram que içar as velas à medida que os ventos se aproximavam; para isso executaram o exercício ginástico conhecido como “Desenvolvimento de Ombros” utilizando o cabo de vassoura;
- **Grupos dos Escavadores:** responsáveis pela escavação da terra para encontrar o tesouro ao chegarem na ilha africana, este grupo executou o “Agachamento Afundo” simulando o movimento de escavação utilizando o cabo de vassoura com pá;
- **Grupo dos Carregadores:** ao executarem o “Agachamento Sumô”, este grupo foi responsável por levantar/retirar o baú do tesouro após a escavação e, finalmente, carregá-lo para o navio em meio a um caos de ataques inimigos.

O capitão, no comando do navio, foi então criando as condições, os acontecimentos e o clima da história: uma viagem longa e cansativa, um trabalho duro para desenterrar o tesouro, perseguições, invasões, combates contra inimigos (usando espadas, golpes de esgrima e outras lutas). Enfim, em meio a tudo, o movimento, a criatividade, o pensar e o divertir foram protagonistas.





MISSÃO CUMPRIDA: é hora de comemorar!

Ao encontrarmos o tesouro e estarmos todos a salvo, organizamos uma festa no navio a fim de comemorarmos. O que há numa festa? Muita música, dança, brincadeiras e jogos! Desta forma, como tarefas assíncronas enviamos aos alunos a dança “Onda Onda” e a brincadeira de origem africana “Escravos de Jó”, para que conhecendo e reconhecendo durante as aulas online, os estudantes junto a professora e residentes festajassem nossas conquistas. Nestas atividades trabalhamos a variação de ritmos, a sequência coreográfica e a criação de novos passos.

Ao chegarmos ao Brasil, de volta da aventura, os marujos não tiveram descanso, descobriram que havia outro tesouro escondido, desta vez, nas suas próprias casas. Esta nova caça ao tesouro foi articulada também como tarefa assíncrona e em conjunto com os pais dos estudantes, que esconderam o tesouro pela casa e espalharam as pistas feitas por nós professores/residentes. Para conquistar uma pista, os marujos deveriam executar os exercícios físicos descritos na atividade.

Nesta atividade, descrita aos pais, orientamos os mesmos a optarem por presentes caseiros: um café da manhã, um almoço com a comida preferida dos filhos, uma cartinha, etc. Assim como criamos uma carta de missão, convocando os marujos a essa nova procura, e ao final, um certificado ao cumprir a mesma.

RESULTADOS DA AVENTURA

Não reunimos números exatos em relação à participação dos alunos durante o período de realização da sequência didática relatada aqui, entretanto a participação da turma nos momentos síncronos foi perceptivelmente maior em relação às ferramentas didáticas utilizadas anteriormente. Comprovando isso, tivemos alunos que enviaram mensagem via plataforma, elogiando e desejando mais aulas. Essa satisfação também ficou registrada nos resultados de uma avaliação final, feita via *Google Forms*, na qual identificamos que 47,1% e 42,3% dos 104 (cento e quatro) dos estudantes respondentes da pesquisa, manifestaram suas preferências, respectivamente, pela “Contaçon de História” e “Fantasiar-se” em detrimento de outros procedimentos didáticos utilizados, como: dançar e fazer exercícios gímnicos com a professora; brincar e jogar duelando com colegas; acumular pontos ao praticar atividade física em casa e compartilhar vídeos com a equipe.





Quanto ao universo temático e os objetivos relacionados ao sedentarismo e pandemia, percebemos o quanto a imaginação através da contação de história motivou os estudantes a estarem em movimento durante toda a aula. E na avaliação final, 98,1% dos estudantes afirmaram que as aulas de EF ajudaram na melhora da rotina durante a pandemia e a saírem do sedentarismo ou se tornarem ainda mais ativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos na contação de história uma possibilidade metodológica para as aulas de EF remotas, que foi capaz de contribuir com o currículo da disciplina e seus objetivos. A contação de história também foi um elemento fundamental para a fruição dos exercícios e movimentos, onde os estudantes ao estarem imersos na história encontraram motivações para continuarem executando os exercícios durante as aulas, para enfrentar os desafios e aventuras. E mais ainda, concordando com a literatura aqui apresentada, compreendemos o papel da contação de história como um espaço para os estudantes firmarem-se como agentes sociais e produtores de cultura.

STORY TELLING IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN REMOTE EDUCATION

ABSTRACT

This work aims to present an account of experience in remote Physical Education classes in an application school of the Universidade Federal de Uberlândia, where storytelling was used as a methodological tool. We believe that this methodology helped us achieve the objectives of the discipline, as well as helped to establish students as producers of culture and social agents.

KEYWORDS: *Story Telling; Physical Education; Remote Education;*



LA NARRACIÓN DE HISTORIAS EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN EDUCACIÓN REMOTA

RESUMEN

El presente trabajo pretende presentar un relato de experiencia en las clases de Educación Física remotas en una escuela de aplicación de la Universidade Federal de Uberlândia, donde fue utilizada como herramienta metodologica la narración de historias. Creemos que esta metodología nos ayudó a alcanzar los objetivos de la disciplina, así como contribuyó a establecer los estudiantes como productores de cultura y agentes sociales.

PALABRAS CLAVES: Narración de historia; Educación Física; Educación Remota;

REFERÊNCIAS

BUSATTO, C. **Narrando Histórias no século XXI – Tradição e ciberespaço**. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102929/221665.pdf?sequ ence=1> >. Acesso em: 30 de mar. 2021.

GOMES, L.; MORAES, F. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo: Cortez, 2013.

FREITAS, G.G. O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.